

Transmissão geracional e a presença da escola na formação da consciência ambiental: um estudo de famílias em áreas de proteção de mananciais

Nelson Reis Claudino Pedroso¹

Resumo: Este artigo resulta de pesquisa que buscou contribuir para uma melhor compreensão acerca da influência trazida pelos processos educacionais quanto à conscientização ambiental, junto a dois grupos de famílias, em três gerações, que convivem em áreas de proteção dos mananciais da represa Billings, no ABC paulista.

Palavras Chave: transmissão geracional; proteção de mananciais; consciência ambiental; educação ambiental.

Abstract: This paper is one of results of a research which aimed at contribute to a better understanding of the influence brought by educational processes on the environmental conscience, regarding two family groups, over three generations, living together in the springs protection areas, around *Represa Billings*, in the region of the Great ABC, SP, Brazil.

Keywords: Generational transmission; springs protection areas; environmental conscience; environmental education.

Este artigo resulta de pesquisa desenvolvida para compor a dissertação para obtenção do grau de Mestre em Educação, junto à Universidade Metodista de São Paulo², a qual buscou contribuir para uma melhor compreensão acerca da influência trazida pelos processos educacionais quanto à conscientização ambiental, junto a dois grupos de famílias, em três gerações, que convivem em áreas de proteção dos mananciais da represa Billings. Esses mananciais constituem-se em reservas de produção hídrica de alta importância estratégica para a gestão de um singular ambiente e seus ecossistemas frágeis com uma acentuada necessidade preservacionista e estrutural para a manutenção de sua qualidade, para as atuais e futuras gerações.

A importância dos resultados da pesquisa sobre o longo processo de conscientização desenvolvido por essas comunidades e famílias foi fundamental para balizar o status em que se encontra a instituição escolar quanto ao suporte e relações desta com a formação da consciência ambiental, minimamente no que se refere às escolas que servem aquela região.

Através de observações sobre as condições de vida no próprio habitat, pelo relacionamento quanto à ocupação e o uso do solo, a luta para conquista do reconhecimento fundiário da propriedade em que residem, a interferência do esgotamento sanitário, incluindo condição e destino dos dejetos e águas residuárias, o lazer e consumo de bens naturais, tipos de tratamento da poluição difusa e contaminação ambiental, a infra-estrutura e os equipamentos públicos locais existentes como suporte sustentável à qualidade de vida dos cidadãos locais, a origem da água para dessedentação e da gestão sobre as doenças ressaltam novos olhares e formas de enxergar e conceber outros instrumentos necessários à compreensão da conquista da consciência de um ambiente sustentável.

¹ Psicólogo, Mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo . Presidente da Associação Global de Desenvolvimento Sustentado – AGDS. nelson@pedroso.pro.

² A dissertação foi apresentada em 2011, sob orientação da Profa. Dra. Roseli Fischmann, sendo o levantamento com as famílias desenvolvido ao longo de 2010.

Como foco central este trabalho verificou as relações e o trato nas relações com o meio ambiente nesta área de preservação, por meio da comparação de como poderia haver a mencionada influência em três gerações, traçando uma linha histórica, levantando quais valores e informações foram transmitidas e assimiladas em cada nível e status social das famílias envolvidas nessa implicação que procuramos analisar de modo científico.

Para a formulação da pesquisa foi necessário conceber e sistematizar uma base estruturante sobre a consciência ambiental humana e seus processos de desenvolvimento, passando por etapas específicas até a verificação do status de capacidades e orientação das famílias envolvidas em tão rico diagnóstico. Além desta importante fase de desenvolvimento foi possível levantar e sistematizar todo o histórico nacional e internacional sobre a educação para o meio ambiente que pudessem servir de base teórica e científica, focando os aspectos centrais do debate mundial da questão ambiental, o movimento ambientalista, um aprofundamento sobre o discurso do desenvolvimento e suas implicações com o atual estilo vida, os pactos ambientais conquistados e buscados a partir da Eco/92.

A Conferência de Copenhague sobre Cultura e Desenvolvimento, e o Protocolo de Quioto, além dos pactos sobre a educação tratados nas conferências de Tbilisi e Jomtien, também serviram, juntamente com resultados de outros tratados³, aos aspectos científicos muito importantes para provocar reflexões durante o desenvolvimento da pesquisa sobre a emergência da questão ambiental e a busca de um novo e inovador modelo de desenvolvimento sustentável voltado especificamente para a educação.

A passagem intergeracional de conceitos, influências sobre os estilos comportamentais, informações, valores e conhecimentos adquiridos pelos mais idosos aos descendentes trouxe significativas visões sobre como os processos de formação de consciências são possíveis de serem conquistados numa via de mão dupla, além da obtenção de informações preciosas e conhecimentos técnicos dos mais jovens para seus ascendentes.

Visão Intergeracional

A bibliografia sobre o desenvolvimento de pesquisas científicas para as diversas etapas geracionais, conforme Motta (2010) é escassa, mas tentaremos trazer algumas contribuições que possam caminhar na direção de uma construção sobre a abordagem analítica a partir dos conceitos abordados pelos trabalhos desenvolvidos pelos autores Milkewitz-Trzonowicz (que inspirou o projeto de pesquisa aqui tratado), bem como do dossiê articulado por Tomizaki.

Durante a análise dos indivíduos pesquisados por este trabalho ficou evidente a afirmação de alguns conceitos fundamentais entre as três gerações no tocante à influência para a passagem de valores, conhecimentos e demais atitudes inerentes. Porém também é verdade que, segundo Tomizaki (2010) "... há impossibilidade da coexistência de diferentes gerações no mesmo espaço social", o que torna cada geração um misto das influências recebidas e internalizadas com uma busca incessante para a formação de uma personalidade independente. Tal questão ficou ainda mais evidente junto aos entrevistados mais jovens das famílias pesquisadas.

Assim, a partir destas observações é contundente a percepção destas rupturas e continuidades de uma geração a outra, pois as alianças ocorrem nos momentos em que se observam nitidamente necessidades de interdependência e as rupturas quando os sujeitos buscam se adaptar a novos grupos culturais e ao novo contexto social, gerando

³ Ver menção a esses documentos na seção "referências" deste artigo.

aí novos parâmetros para o pertencimento. Essas diferenças se evidenciaram em cada uma das três gerações familiares envolvidas.

Embora as diferenças entre as gerações pesquisadas possam ter sido apresentadas de forma significativamente sutil, “a constituição de um novo ‘modo de geração’, que possa ser identificado como tal pelas diferenças que demonstra em relação às gerações anteriores, é motivada pelas transformações na sociedade (Mannheim, [1928] 1990, p. 65)”, aclarando ainda mais minha observação sobre a busca de independência para a construção de consciências individuais.

Ainda comparando as duas famílias que foram focadas neste trabalho, em se tratando das diferenças entre as mesmas, embora as faixas etárias dos mais idosos sejam sutilmente equivalentes, num “mesmo período histórico, mesmo que haja coincidências nas fases de formação num mesmo período de tempo, quanto aos ciclos da vida, não é suficiente para concluir que estes constituirão uma geração” (TOMIZAKI, 2010).

Nesse sentido, todos os entrevistados constituem “apenas uma situação de pertencimento potencial a uma geração, não se efetivando sem a constituição de uma situação material e simbólica capaz de criar o pertencimento a uma coletividade (Tomizaki, 2010): nesse sentido é possível uma analogia entre a situação de classe e a situação de geração”. É no sentido da aceitação de um dado grupo, uma sociedade, que se constrói a identidade humana (Mannheim, op. cit.).

Estes indivíduos “vivem gerações diferentes que, apesar do tempo vivido ser o mesmo tempo real, de fato, elas vivem todas em um tempo interior completamente diferente do ponto de vista qualitativo” (Mannheim, [1928] 1990, p. 34) e onde este defende que “o essencial em todo processo de transmissão é que a nova geração cresce imersa em comportamentos, sentimentos e atitudes herdadas”.

Os conjuntos geracionais definidos por Tomizaki também ajudam a esclarecer condições interessantes sobre alguns aspectos que contribuem efetivamente para estabelecer critérios e diferenças entre as gerações pesquisadas, que foram identificadas e observadas e incorporadas ao processo analítico por este pesquisador como: (i) idade; (ii) situação de classe; (iii) experiências comuns (concretas ou simbólicas); (iv) relação com outras gerações (sucessoras ou antecessoras); (v) conjuntura histórica (social, econômica e política) na qual se inscrevem as gerações; (vi) família/relações de parentesco (TOMIZAKI, 2010).

Os estudos desenvolvidos por Lima & Almeida (2010) sobre a produção da desigualdade econômica baseados nos processos dinâmicos de transmissão de recursos materiais e/ou simbólicos que podem ser mobilizados na luta para garantir, aos mais jovens, acesso a uma proporção considerada correta ou justa da riqueza coletivamente produzida em uma dada sociedade ocorreu em relação aos esforços conquistados pelos mais idosos sobre os mais jovens. Na medida em que enfrentamentos e fase de desenvolvimento tecnológico puderam traçar um maior conforto para estes últimos, pode-se concluir por um sucesso foi restringido à família de menor poder aquisitivo.

Já em função da transmissão de recursos simbólicos e materiais no momento em que se coloca a escola como um meio necessário para a busca de uma melhor qualidade de vida, identifica-se uma notável contradição: a disposição para incentivar os filhos e filhas a investir na escola é contraposta tanto a pouca esperança de ver esse investimento dar frutos, quanto ao medo de que o adiamento da entrada no mercado de trabalho tenha um efeito nocivo sobre a estrutura moral dos seus filhos. O trabalho assume, então, uma dupla função: proteger contra um mau investimento e preparar para o futuro (Lima & Almeida, 2010). Esta observação revela um nítido formato comportamental em uma das famílias objeto deste pesquisa em relação aos seus descendentes.

Neste sentido, Perosa (2010) conclui que, conforme Saint-Martin & Gheorghiu (2010), as diferenças produzidas pela passagem por um sistema de ensino desigual, que afetam decisivamente a definição dos papéis sociais, evidenciando o componente propriamente escolar destas definições contribuem significativamente para uma gestão das diferenças entre gerações. São fronteiras sociais e simbólicas, produzidas coletivamente e que, portanto, são históricas, em movimento, contingenciais, mas, ao mesmo tempo, possuem raízes antigas e duráveis que sobrevivem.

Goldani (2010) informa que em razão do aumento da esperança de vida humana ocorreu ampliação da transferência de recursos materiais e simbólicos entre avós, pais e filhos/netos, principalmente dos mais velhos aos mais novos, sob o aspecto de bens materiais, e dos mais novos aos mais velhos, sob o aspecto de bens subjetivos.

Isto ficou muito claro quanto à transferência de recursos materiais dos mais idosos para os mais jovens nessas famílias estudadas. Porém não obtive informações que pudessem confirmar se houve a transferência de subjetividades a partir dos mais jovens para as gerações mais idosas.

Castells (2002) traz a contribuição de novos conceitos para analisar os fenômenos que observa. Fala de uma *identidade legitimadora*, correspondente às classes ou organizações dominantes, outra de *resistência*, que é a das pessoas, grupos, comunidades, nações, que se encontram na situação de dominados e, por fim, *identidade de projeto*, que são aqueles casos em que pela e apesar da opressão, os dominados conseguem construir uma proposta alternativa e mais satisfatória para eles próprios (Milkewitz-Trzonowicz, 2006).

A identidade individual é plural, social tanto quanto a coletiva. Freud (1953) ensinava que a identidade individual, desde o início, e simultaneamente é social. Mas, o conjunto das identificações de um sujeito não forma um sistema relacional coerente. Isso, no nível coletivo, com um olhar contemporâneo, parece praticamente natural, já que não se espera de um conjunto de pessoas a homogeneidade de identidades. Esta concepção tem consequências na educação, quando trata como se fossem homogêneas a personalidade da criança bem como a do adulto, tanto em cada indivíduo como no conjunto dos grupos presentes em instituições educativas. Na verdade, as identidades são fragmentadas e plurais. Há conexão entre o “dentro” e o “fora” da identidade coletiva e individual, ainda que seja difícil “perceber” conexões, do ponto de vista objetivo (Milkewitz-Trzonowicz, 2006).

Alguns aspectos comportamentais comuns entre os dois grupos familiares

Alguns procedimentos teóricos possibilitaram uma construção visando à formulação dos aspectos comportamentais dos entrevistados através de uma base sociológica construída a partir da visão de Pierre Bourdieu (1970). Nesse sentido pude elencar uma série de observações que apresento a seguir.

No que tange aos dois grupos familiares geracionais, o pensamento aleatório, identificando a falta de um planejamento para ações de médio e longo prazo, demonstram uma trajetória educacional especialmente curta. Tais famílias não obtêm acesso às informações de nível médio ou alto referentes ao setor específico às quais tanto se relacionam ou dependem, além de não dispor de recursos econômicos independentes e culturais que possam gerar condições para tais acessos.

A linguagem do cotidiano e as relações de consumo identificam um padrão comum de classe média e baixa, segundo os padrões locais, não se apresentando em redes sociais, nem em bloco. Porém especialmente a família de classe média espelha sua condição social nas classes mais elevadas, enquanto a de classe baixa investe suas atenções apenas em sua sobrevivência mais imediata.

Em ambas as famílias pesquisadas observa-se que não há comportamento esnobe, não se isolam da sociedade local, embora não participem de reuniões socioculturais relacionadas a busca de distinções econômicas. Sendo assim não há buscas sobre eventos culturais para se distinguir dos demais grupos familiares locais que os rodeiam, identificando terem comportamentos sociais, profissionais e econômicos heterogêneos.

Quanto à distinção entre gêneros, percebe-se nitidamente uma busca pela igualdade de papéis. Baseado pelo *layout* das residências e do vestuário, estes sujeitos pesquisados tentam copiar, entre ambos os gêneros, o *design* dominante.

Os mais idosos, respectivamente, sempre influenciam a formação de seus descendentes mais próximos, porém sem um capital cultural pré-estabelecido e acumulado pelas gerações anteriores demonstrando a não apropriação da arte, fato observado, entre outros, por paredes e prateleiras vazias. Tais condições sociais resultam na falta de intervenções das duas famílias no sentido de praticar a reprodução cultural burguesa (acessos culturais às artes, música, cinema, etc.). Por outro lado, há mais significativos investimentos educacionais quanto à última geração, mais jovem.

A desigualdade na busca do padrão escolar culturalmente mediano é notório principalmente quanto a família mais empobrecida. Os recursos para acesso ao capital cultural são, portanto, bem diferenciados pelas classes sociais das duas famílias, principalmente quando comparadas entre si (Grupos familiares A e B definidos na pesquisa), identificando a diminuição do sucesso e do desempenho escolar em ambas, mesmo com a apresentação de boa vontade cultural da família mais bem posicionada economicamente. A estudante mais jovem, de classe média-baixa, age centrada, seriamente, porém sem excentricidade, no meio escolar, compensando significativamente a falta de alguns atributos necessários ao alcance da busca de um “dom” para o sucesso escolar.

Finalizando...

Esta pesquisa em educação voltou-se especialmente para abordar a compreensão do papel do ser humano e suas relações para com o meio ambiente, contribuindo para identificar e justificar o quão interessante pode ser o efetivo investimento no setor da formação voltada à alteração de comportamentos mais propícios e referenciais adaptáveis às regiões mais frágeis, seja em função de ecossistemas ecológicos que necessitam de cuidados preservacionistas, seja para a produção sustentável de bens de consumo naturais.

A transmissão geracional demonstrou-se presente, mas não somente em uma direção única, das gerações mais antigas às mais novas. À escola fica o desafio de desenvolver uma educação ambiental mais significativa, de modo transversal, que possa auxiliar e mesmo amparar-se em processos de diálogos entre gerações, tornando-se mais efetiva, além de social e culturalmente mais ampla.

Referências

- ALVES, Fernando Vitor de Araújo. O que há por detrás da Podridão. Caderno Polis, São Paulo, Ambiente Urbano e Qualidade de Vida, Edição Especial Eco-92, nº 3, Instituto Polis, 1991.
- ALVES, J. A. Lindgren. A Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Social e os paradoxos de Copenhague; Revista Brasileira de Política Internacional, Brasília, 1997.
- BRUNER, Jerome S.. O Processo da Educação. Cia Editora Nacional, São Paulo, 1978
- BUSTOS, Myrian R.L.. Educação Ambiental sob a ótica da gestão de recursos hídricos. Tese de Doutorado em Engenharia, orientadora: Monica A. F. Porto. Departamento de Engenharia Hidráulica e Sanitária/USP, 2003.

- CALDWELL, L. K.. International environmental policy: emergence and dimension. Duke University Press, Durham, NC, 1984.
- CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede; Tradução Roneide Venancio Majer, 6ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. O Poder da Identidade. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt, 6ª edição São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. Fim de Milênio. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venancio Majer, 4ª edição São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CMMAD – COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (1991). Nosso Futuro Comum. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas.
- COMISSÃO INTERINSTITUCIONAL (PNUD, UNESCO, UNICEF, BANCO MUNDIAL). Relatório final da Conferência Mundial sobre Ensino para Todos: Satisfação das Necessidades básicas de Aprendizagem. Jomtien, Tailândia, 5 a 9 de março de 1990.
- DIAMOND, Jared. Colapso. Tradução de Alexandre Raposo. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- DEL PRETTE, Marcos Estevan. Apropriação dos Recursos Hídricos e Conflitos Sociais: A Gestão das Áreas de Proteção aos Mananciais da Região Metropolitana de São Paulo. Tese de Doutorado em Geografia. Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo. 2000.
- ENGELS, Friedrich. A Origem da Família, da Propriedade e do Estado. Lisboa: Editorial Presença, s/data.
- FARIA, Ana L. G., DEMARTINI, Zeila B. F., PRADO, Patrícia D. (orgs.). Por uma cultura da infância – Metodologias de pesquisa com crianças, 3ª ed. Campinas: Autores Associados, 2009.
- FOUCAULT, Michel. Poder e Saber. In MOTA, Manoel Barros da (org). Estratégias, poder-saber. Seleção de textos, coleção Ditos e Escritos vol. IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003-a.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FREITAG, Bárbara. Escola, Estado e Sociedade, 4ª edição. São Paulo: Editora Moraes, 1980.
- GAGNE, Robert J. Como se Realiza a Aprendizagem. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1964.
- GOODE, William J., HATT, Paul K.. Métodos em Pesquisa Social. Tradução Carolina Bori. São Paulo: Editora Nacional – 1979.
- HERRERO, L. J. Perspectiva Econômica. Madri: UNED, 1996.
- LALANDE, André et alli. Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia, 3ª edição. Tradução de Fátima Sá Correia. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LANGENBUCH, Juergen Richard. A Estruturação da Grande São Paulo: estudo de geografia urbana. Tese de Doutorado em Geografia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, 1968.
- LEFF, Enrique. Saber Ambiental. Tradução de Lúcia Orth. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MACHADO, Vilma de Fátima. A Produção do Discurso do Desenvolvimento Sustentável: de Estocolmo à Rio-92. III Encontro da ANPPAS 2006, Brasília-DF.
- MEC/BRASIL. Carta brasileira para educação ambiental. Workshop de Educação Ambiental. Rio de Janeiro, 1992.
- MILKEWITZ-TRZONOWICZ, Alberto Samuel. Construindo identidades judaicas de geração em geração. Dissertação de Mestrado em Educação; orientadora: Profa. Dra. Roseli Fischmann. Faculdade de Educação-USP, 2006.
- MEC/SEF. 1996. Parâmetros curriculares nacionais. Temas transversais: Convívio social e ética. Meio ambiente. Versão agosto 1996. Brasília.
- NAÇÕES UNIDAS. Agenda 21. [Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento – 1992, Rio de Janeiro]. Brasília: Câmara dos Deputados, 1995.
- PRONEA, MEC/MMA/IBAMA/MINC/MCT. “Programa Nacional de Educação Ambiental”. IBAMA, 1994.
- PÁDUA, José Augusto. Um sopro de destruição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.
- REBOUÇAS, Aldo da Cunha; BRAGA, Benedito; TUNDISI, José Galiza. (Orgs.). Águas Doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação. São Paulo: Escrituras, 1999.
- TORRES, Rosa Maria. Educação para Todos: a tarefa por fazer. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.
- VIANNA, Aurélio e outros (org.); Educação Ambiental: uma abordagem pedagógica dos temas da atualidade/equipe de redação. Rio de Janeiro: CEDI, 1994;
- VIEZZER, Moema L. e OVALLES, Omar (orgs); Manual Latino-Americano de Educação Ambiental. São Paulo: Gaia, 1994.
- VIOLA, E.. “O movimento ecológico no Brasil (1974-1986): do ambientalismo à eco-política”. Revista de Ciências Sociais n.º 3, São Paulo, 1987.

Recebido para publicação em 13-03-13; aceito em 10-04-13